



Diversity must not be silenced: an LGBTQIAPN+ workshop at school. And can schools talk about this?

Diversidade não se silencia: uma oficina LGBTQIAPN+ na escola E pode a escola falar sobre isso?

FERREIRA, Rodrigo⁽¹⁾; SILVA FILHO, Cláudio Claudino⁽²⁾

⁽¹⁾  0009-0008-0530-3832; Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, Bahia (BA), Brasil. rodrigowbio@gmail.com

⁽²⁾  0000-0002-5961-9815; Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Chapecó, Santa Catarina (SC), Brasil. claudiocfilho@gmail.com

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

This experience report presents the construction, development, and analysis of a pedagogical workshop entitled "Gender and Sexuality: in the ENEM (National High School Exam – Brazil) and in Life", carried out with final-year high school students from a public school on the outskirts of Salvador, Bahia, during June 2024, in celebration of LGBTQIAPN+ Pride Month. The workshop, designed and conducted by a tenured teacher at the school, emerges as a response to institutional silences and persistent gaps in addressing gender identity, sexual orientation, and the fight against LGBTphobia in schools. Aimed at promoting critical reflection, confronting prejudice, and engaging with ENEM-related content, the activity incorporated diverse strategies: pre- and post-applications of ENEM-based questions, screening of a UN "Free & Equal" campaign video, an interactive *quiz* via Kahoot, open dialogue circles, and a hands-on poster creation activity. Results revealed significant progress in conceptual understanding, reduction of misconceptions, and increased empathy toward LGBTQIAPN+ realities. Students' spontaneous participation and the positive influence of the teacher's continued presence fostered post-workshop listening and support spaces. This work underscores the importance of systematic pedagogical practices led by educators in basic education to promote democratic, inclusive, and critical education. It reaffirms the need to break institutional silences and to create school environments that embrace diversity and contribute to the construction of a culture rooted in respect, equity, and dignity.

RESUMO

Este relato de experiência apresenta a construção, o desenvolvimento e a análise de uma oficina pedagógica intitulada "Gênero e Sexualidade: no ENEM e na Vida", realizada com estudantes concluintes do Ensino Médio de uma escola pública estadual localizada na periferia de Salvador, Bahia, durante o mês de junho de 2024, em alusão ao Mês do Orgulho LGBTQIAPN+. Planejada e executada por um professor efetivo da escola, a oficina emerge como resposta a silenciamentos institucionais e lacunas persistentes na abordagem de temas como identidade de gênero, orientação sexual e enfrentamento da LGBTfobia no ambiente escolar. Com o objetivo de promover reflexão crítica, combater o preconceito e dialogar com conteúdos diversificados: aplicação prévia e reaplicação de questões do ENEM, exibição de vídeo da campanha "Livres & Iguais" da ONU, *quiz* interativo na plataforma Kahoot, rodas de conversa e produção de cartazes temáticos. Os resultados indicaram avanços significativos na compreensão conceitual, redução de dúvidas e ampliação da empatia em relação às vivências LGBTQIAPN+. Destaca-se o engajamento espontâneo dos participantes e o impacto positivo da presença contínua do professor, favorecendo escuta e acolhimento após a oficina. A experiência evidencia o potencial das práticas pedagógicas sistemáticas conduzidas por docentes da educação básica para a promoção de uma educação democrática, inclusiva e crítica, reafirmando a urgência de romper silêncios escolares e consolidar espaços formativos que valorizem a pluralidade das existências e a construção de uma cultura de respeito e dignidade.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 16/06/2025

Aprovado: 19/08/2025

Publicação: 22/08/2025



Keywords:

Sexual Diversity,
Gender,
LGBTphobia,
Pedagogical Workshop,
Inclusive Education.

Palavras-Chave:

Diversidade sexual,
Gênero,
LGBTfobia,
Oficina pedagógica,
Educação Inclusiva.

Introdução

A escola, instituição historicamente reconhecida como espaço privilegiado de socialização e formação cidadã, paradoxalmente perpetua múltiplas formas de violência contra corpos e identidades dissidentes. Através de omissões curriculares que silenciam a diversidade sexual e de gênero (Bento, 2011), bem como, práticas docentes que naturalizam microagressões cotidianas (Oliveira Júnior & Maio, 2019). O ambiente escolar reproduz mecanismos sutis e/ou explícitos de exclusão, o que contradiz o discurso oficial de inclusão e direitos humanos, criando um cenário onde estudantes LGBTQIAPN+ vivenciam a escola como território de insegurança e negação identitária.

Jovens LGBTQIAPN+ são significativamente mais expostos a agressões verbais, físicas e psicológicas no ambiente escolar, impactando negativamente sua autoestima, seu rendimento acadêmico e sua permanência na escola. O Relatório "Violência Homofóbica no Brasil" (Brasil, 2018) aponta que a escola é o segundo espaço onde mais ocorrem atos discriminatórios motivados por orientação sexual e identidade de gênero, ficando atrás apenas dos ambientes familiares.

A homofobia nas escolas manifesta-se, muitas vezes, através de brincadeiras violentas, piadas, apelidos pejorativos e invisibilização curricular, que naturalizam a discriminação e reforçam a heteronormatividade. Como destacam Graupe e Lins (2018), essas violências simbólicas são práticas cotidianas que excluem corpos dissidentes, perpetuando um currículo silenciador das identidades LGBTQIAPN+. Essa cultura de violência compromete o direito de estudantes LGBTQIAPN+ ao pleno desenvolvimento de sua cidadania e à construção de um ambiente escolar seguro e inclusivo.

Embora existam diretrizes curriculares e políticas públicas que orientam para a promoção da igualdade e da diversidade sexual nas escolas (Brasil, 1996; Brasil, 2018), a resistência institucional e a reprodução de valores conservadores ainda dificultam a implementação de práticas pedagógicas afirmativas. Os professores reconhecem a importância da abordagem da sexualidade nas escolas, mas relatam inseguranças quanto à formação e receios frente às reações da comunidade escolar. Muitas vezes, evitam tratar o tema com profundidade por medo de interpretações equivocadas ou represálias (Barbosa & Folmer, 2019).

A escola, enquanto *locus* privilegiado da socialização infanto-juvenil, deve se responsabilizar pela construção de ambientes que acolham a diferença, rompendo com lógicas normativas que marginalizam corpos e subjetividades dissidentes. Trabalhar a diversidade sexual e de gênero no cotidiano escolar não é "ensinar ideologia", como alegam discursos conservadores, mas, ao contrário, garantir o direito à educação sem discriminação, previsto na Constituição Federal (Brasil, 1988) e reiterado por diversos tratados internacionais de direitos humanos (ONU, 2011).

A escola é o espaço em que atitudes e comportamentos sexuais estão presentes intensamente, constituindo, portanto, espaço também para se desenvolver ações de educação sexual. Partindo destas premissas, não há como permitir o recrudescimento dos discursos que reprimem ou negam a sexualidade na escola (Monteiro & Ribeiro, 2018). Assim, práticas pedagógicas que tematizam gênero e sexualidade sob uma perspectiva inclusiva e crítica não são opcionais: elas constituem a própria essência de uma educação comprometida com a transformação social e com a dignidade de todas as pessoas. Como apontam Vieira e Lage (2017), a omissão frente às questões LGBTQIAPN+ nas escolas apenas perpetua ciclos de violência e reforça desigualdades históricas.

Portanto, cabe à escola, mais do que tolerar a diversidade, afirmá-la ativamente como um valor, adotando práticas que assegurem o respeito às múltiplas formas de existir, amar e ser no mundo. Ao construir espaços de diálogo, escuta e pertencimento, a escola cumpre sua função primordial de formar cidadãos plenos, conscientes de seus direitos e deveres em uma sociedade plural.

O professor Rodrigo é efetivo da rede estadual de ensino da Bahia há dezoito anos, atuando exclusivamente com turmas de ensino médio. Em toda essa trajetória escolar, sempre trabalhando com adolescentes em diferentes contextos, nunca presenciou a realização de atividades que abordassem de maneira direta a diversidade sexual, a identidade de gênero ou o enfrentamento da LGBTfobia nas escolas públicas por onde passou.

As ações voltadas à educação sexual, quando presentes, limitavam-se quase sempre a campanhas preventivas contra infecções sexualmente transmissíveis (IST) e ao uso de métodos contraceptivos, sem espaço para reflexões mais profundas sobre orientação sexual, identidade de gênero ou os impactos das violências simbólicas no cotidiano escolar.

Em diálogos com colegas de outras unidades escolares da rede pública, percebia que essa realidade não era isolada: muitos confirmaram que desconheciam qualquer atividade pedagógica voltada para a discussão da diversidade sexual ou para a promoção do respeito à pluralidade de identidades. A temática permanece, na maioria das vezes, silenciada pelas escolas, pelas famílias e pelas políticas institucionais, reforçando um ciclo de invisibilidade que atravessa gerações.

Enquanto sujeito homossexual, essa ausência de espaços de diálogo nas escolas ressoava em Rodrigo de maneira profunda e dolorosa; rememorando ainda, episódios de *bullying* e discriminação sofridos durante a infância e adolescência nos anos 1990, período em que cursou o ensino médio em um ambiente escolar ainda mais hostil à diferença. Se atualmente as escolas ainda apresentam resistência em tratar do tema, na década de 1990 o silêncio era quase absoluto, e o sofrimento vivido por estudantes LGBTQIAPN+ era frequentemente naturalizado ou ignorado.

A construção da oficina "Gênero e Sexualidade: no ENEM e na vida" emerge, portanto, como expressão de um anseio pessoal, político e profissional. O que impulsionou a parceria

com o professor Claudio Claudino, doutor em enfermagem, com experiência em gênero e saúde, que é docente nas graduações de enfermagem e pedagogia. Ambos com o anseio por contribuir, a nível da educação básica, para a formação de uma escola mais justa, mais plural e mais acolhedora. Portanto, o planejamento e realização da oficina representou, para ambos, não apenas o cumprimento de um compromisso pedagógico com a promoção dos direitos humanos, mas também uma realização pessoal: a possibilidade de construir espaços de escuta, respeito e resistência que não encontraram em suas trajetórias escolares.

A realização da oficina justificou-se pela urgente necessidade de enfrentar as lacunas existentes no tratamento da diversidade sexual e de gênero no contexto escolar. Embora haja uma quantidade considerável de relatos de experiências no campo da saúde, sobretudo oriundos das áreas de Enfermagem e Psicologia, a maioria dessas iniciativas permanece restrita a abordagens biológicas da sexualidade, voltadas à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e ao uso de métodos contraceptivos. Tais ações, em geral, integram projetos vinculados ao Programa Saúde na Escola, sendo conduzidas por profissionais da saúde que realizam intervenções pontuais, sem continuidade pedagógica sistemática.

A experiência aqui relatada diferencia-se justamente por emergir do cotidiano escolar, foi toda planejada em conjunto com professor Cláudio, doutor em enfermagem, e executada pelo professor Rodrigo, que trabalha efetivamente na educação básica, acompanha de perto o desenvolvimento dos estudantes ao longo de todo o ensino médio. Posteriormente realizaram a análise dos resultados para a produção deste manuscrito. Trata-se, portanto, de uma intervenção pedagógica alicerçada basicamente a partir do olhar atento e do compromisso ético de quem compartilha diariamente os desafios, os silenciamentos e as potencialidades da escola pública.

Essa perspectiva educativa ampliada permite não apenas a realização da oficina em si, mas também o fortalecimento de vínculos que possibilitam a continuidade do diálogo e do acolhimento dos estudantes após a intervenção. A escuta ativa das demandas juvenis, o acompanhamento das inquietações e o apoio à construção de identidades mais seguras e afirmadas configuram-se como dimensões essenciais deste projeto, que ultrapassa o caráter pontual para se constituir como prática permanente de resistência e transformação no espaço escolar.

A lacuna de relatos de experiências que enfoquem especificamente identidade de gênero, orientação sexual e enfrentamento da LGBTfobia a partir de práticas pedagógicas sistemáticas desenvolvidas por docentes da educação básica reforça a relevância social e acadêmica deste trabalho. Ao promover reflexões críticas sobre as expressões da sexualidade dissidente no ambiente escolar, a oficina contribuiu para a construção de uma escola mais inclusiva, plural e comprometida com os direitos humanos, respondendo às omissões históricas que ainda marcam o cotidiano da educação pública brasileira.

Esta oficina teve como objetivo principal promover a reflexão crítica dos estudantes concluintes do terceiro ano do ensino médio sobre as diversas expressões da sexualidade humana e das identidades de gênero, contribuindo para o enfrentamento de preconceitos e violências, como a homofobia, a LGBTfobia e a transfobia no ambiente escolar. Buscou-se, ainda, apresentar aos estudantes os conceitos fundamentais relacionados à orientação sexual e identidade de gênero, aproximando tais temas das exigências contemporâneas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), de modo a articular formação cidadã e preparação acadêmica.

Metodologia

Este relato de experiência descreve a realização de uma oficina pedagógica voltada para a temática da diversidade sexual e de gênero, desenvolvida em junho de 2024, mês dedicado ao orgulho LGBTQIAPN+, em uma escola pública estadual na periferia do município de Salvador-Bahia, com o objetivo de promover um espaço de reflexão, aprendizado e combate à LGBTfobia.

A metodologia esteve alicerçada na abordagem de oficinas pedagógicas como estratégia de ensino-aprendizagem que promove a construção coletiva do conhecimento por meio da ação e reflexão. Segundo Paviani (2010), as oficinas pedagógicas são eficazes na articulação entre teoria e prática, permitindo que os participantes se envolvam ativamente no processo educativo.

Portanto, foi planejada e executada com base nos princípios da aprendizagem significativa e na promoção de competências socioemocionais, conforme destacado por Nascimento e Monteiro (2024), que evidenciaram os benefícios das oficinas pedagógicas na aprendizagem de estudantes, especialmente no desenvolvimento de competências como responsabilidade, cidadania, empatia e cooperação. Além disso, como discutem Nascimento et al. (2020), as oficinas podem ser potentes mediadoras na problematização de estereótipos de gênero e sexualidade, oferecendo espaços formativos que contribuem para a superação de preconceitos e conflitos presentes no cotidiano escolar.

As atividades foram desenvolvidas em um ambiente colaborativo, incentivando a participação ativa dos estudantes e a reflexão crítica sobre as temáticas abordadas. Foram utilizados recursos como dinâmicas de grupo, debates, produção de cartazes e utilização de plataformas interativas, visando proporcionar uma experiência educativa engajadora e significativa.

Os estudantes participantes eram todos da 3ª série do ano do ensino médio, abrangendo quatro turmas (duas do turno matutino e duas do vespertino), totalizando 87 participantes, com idades entre 17 e 20 anos, sendo 55 do sexo feminino e 32 do sexo masculino. A oficina ocorreu na sala de vídeo da escola, durante o horário regular das aulas,

das 07h30 às 12h no turno matutino e das 13h às 17h30 no vespertino, cada turma em seu turno de frequência escolar, permitindo uma imersão completa no tema proposto.

Antes da oficina, há um mês, foram aplicadas quatro questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) relacionadas à temática, sem discussão prévia, com o intuito de avaliar o conhecimento inicial dos estudantes. Essas mesmas questões foram reaplicadas durante a oficina para mensurar o impacto da intervenção.

A metodologia adotada foi diversificada e interativa, contemplando: apresentação de slides com imagens e textos explicativos sobre identidade de gênero, orientação sexual e respeito à diversidade; exibição do vídeo “ONU pela diversidade LGBT e luta contra homofobia” (ONU Brasil, 2015); quiz interativo no site <https://kahoot.com>; resolução de quatro questões do ENEM, com posterior análise e correção coletiva das questões aplicadas, com explicação detalhada das alternativas corretas e incorretas; roda de conversa: espaço aberto para que os estudantes expressassem dúvidas, experiências e reflexões; atividade prática: divisão dos alunos em equipes para elaboração de cartazes. Cada grupo recebeu um kit com materiais como cartolina, pincéis, lápis de colorir, revistas para recorte, cola e tesoura. Os cartazes produzidos foram posteriormente afixados nos corredores da escola, ampliando o alcance da mensagem.

Este relato descreve uma atividade pedagógica em ambiente escolar, como prática educativa, sem envolvimento de procedimentos invasivos, sem coleta de dados pessoais e identificáveis ou intervenções que demandassem avaliação ética, conforme Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510 de 2016, que dispensa aprovação para atividades educacionais sem fins de pesquisa.

Resultados e Discussão

Condução da oficina: fundamentos e abordagens

A oficina “Gênero e Sexualidade: no ENEM e na Vida” foi iniciada com uma breve contextualização do formato oficina como ferramenta pedagógica. Foi explicado aos estudantes que essa modalidade de ensino, as oficinas pedagógicas, enquanto modalidades lúdicas e reflexivas, promovem a aprendizagem significativa através da participação ativa e da problematização da realidade (Luckesi, 2014). Sua natureza dialógica e experiencial as torna ferramentas essenciais para a transformação educacional (Alves, 2001).

Para engajar os estudantes nesta oficina, ainda neste momento inicial, de explanação da proposta, todos os 87 estudantes ali presentes receberam um bloco para anotações personalizado da Oficina (Figura 1), com slogan na capa, caneta e *post-its* (autoadesivos) coloridos, escolhidos propositalmente assim por remeter a ideia do arco-íris, símbolo amplamente reconhecido e utilizado como recurso identitário pela comunidade LGBTQIAPN+ em todo o mundo.

Figura 1.

Bloco de anotações personalizado entregue a todos os estudantes participantes da Oficina.



fonte: autoria própria, 2024.

Passado a enorme euforia, contentamento e alegria que tomou conta de todos os estudantes devido o brinde recebido, prosseguimos com a oficina. Em tom provocativo, foi lançada a seguinte indagação na projeção do slide: “*Uma oficina sobre Gênero, Sexualidade e pessoas LGBTQIAPN+, na escola? E pode isso?*”. A resposta foi construída coletivamente, a partir da apresentação de marcos legais que asseguram o direito à educação para a igualdade de gênero, raça, orientação sexual e identidade de gênero. Foram destacados dispositivos como a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9.394/1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (Resolução CNE/CEB nº 2/2012, art. 16), e as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (2006).

Por coincidência, quinze dias após a realização da Oficina, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, em 28 de junho de 2024, no exato Dia Mundial do Orgulho LGBTQIAPN+, que as escolas públicas e privadas têm a obrigação de combater discriminações por gênero, identidade de gênero e orientação sexual; onde o então relator do caso, ministro Edson Fachin, interpretou o Plano Nacional de Educação (Lei 13.005/2014) para reconhecer explicitamente a obrigação das instituições de ensino de combater todas as formas de discriminação, incluindo aquelas por gênero e orientação sexual (Brasil, 2024).

Dando continuidade à Oficina, através de slides, foram exibidas notícias de agressões físicas e verbais sofridas por adolescentes LGBTQIAPN+ em escolas brasileiras, destacando os efeitos nocivos do *bullying* e do silêncio institucional. Um dos dados apresentados, foi o da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos

(ABLGT), indicava que 73% dos estudantes LGBTQIAPN+ já sofreram algum tipo de violência nas escolas, seja verbal, física ou psicológica. Essa realidade foi debatida com os estudantes, na tentativa de provocar empatia, sensibilização e senso de responsabilidade coletiva.

Durante a oficina, foram discutidos os impactos da linguagem e das atitudes preconceituosas no ambiente escolar. Um exemplo marcante foi o relato de um comentário feito por um colega professor: *“essa semana tem a palestra do professor que fala de ‘viadagem’ na escola, né?”*, que no caso era o professor Rodrigo. Esse tipo de manifestação evidencia a presença de uma "pedagogia do insulto" nas escolas, onde expressões discriminatórias são utilizadas para reforçar normas heteronormativas e marginalizar identidades dissidentes. Nesse contexto, é possível observar que a escola, embora muitas vezes reproduza estruturas de poder que naturalizam a violência simbólica contra corpos LGBTQIAPN+, também oferece espaço para resistência quando essas normas são problematizadas em práticas pedagógicas intencionais (Nascimento & Nascimento, 2020).

Interação com os estudantes: diálogos e reflexões

Prosseguimos para a segunda etapa com a exibição do vídeo “ONU pela diversidade LGBT e luta contra homofobia” (<https://www.youtube.com/watch?v=8qsSlomXuzE>). Este vídeo destaca a diversidade da comunidade lésbica, gay, bissexual, transexual e travesti (LGBT). A produção apresenta pessoas LGBT’s e suas profissões, enfatizando que a sexualidade é apenas uma nuance da pessoa humana. Essa estratégia dialoga com a necessidade de intervenções pedagógicas que articulem vivências cotidianas aos marcos legais, desconstruindo lógicas binárias e essencialistas que perpetuam estereótipos (Nascimento & Nascimento, 2020).

Com os estudantes agora encorajados a interromper a explanação para fazer perguntas ou comentários, um deles levantou a mão e questionou: *“Professor, já que existe tanto preconceito e violência, por que as pessoas ainda escolhem ser gay ou lésbica?”*. Esta indagação serviu como ponto de partida para esclarecer que a orientação sexual não é uma escolha, mas sim uma característica intrínseca e natural do indivíduo; e que por esse motivo, o termo "opção sexual" foi substituído por "orientação sexual", pois não se trata de uma decisão consciente, mas de uma inclinação natural do desejo e do afeto.

Em seguida, os estudantes foram questionados se sabiam o que é orientação sexual e identidade de gênero, ou se sabiam diferenciar estes termos. Apenas cerca de 20% levantaram a mão, indicando pouca familiaridade com os termos. Ao perguntar sobre o significado de "cisgênero", aproximadamente 12% demonstraram conhecimento. Diante disso, foram exibidos slides para explicar que identidade de gênero se refere à forma como a pessoa se percebe e se sente no mundo, como masculino, feminino, ambos ou nenhum, enquanto orientação sexual diz respeito à direção do desejo afetivo ou sexual, por homens, mulheres,

pessoas intersexo ou para ninguém. Buscando sempre utilizar uma linguagem objetiva e acessível para facilitar o entendimento.

Abordamos também as definições de cisgênero e transgênero, explicando que uma pessoa é considerada cisgênero quando sua identidade de gênero está em consonância com o sexo atribuído no nascimento. Por outro lado, uma pessoa transgênero é aquela cuja identidade de gênero difere do sexo atribuído ao nascer. Utilizei imagens de figuras públicas para ilustrar essas diferenças, tornando a explicação mais concreta.

Durante essa discussão, um aluno levantou a mão e compartilhou: *“Vi no instagram um homem, ou que se diz homem, “grávido”, ele tinha barba e tudo. Como é que pode, professor?”*. Essa pergunta proporcionou a oportunidade de explicar a distinção entre sexo biológico e identidade de gênero, esclarecendo que a pessoa em questão era um homem trans, alguém que nasceu com características sexuais femininas, mas se identifica com o gênero masculino. Expliquei que, embora tenha útero e ovários (por isso engravidou), sua identidade de gênero é masculina, e que a presença de barba pode ser resultado de tratamento hormonal.

Outro estudante interveio: *“Ah, esse negócio de trans e tal, então é tipo como a cantora Pablllo Vittar, né?” É um homem, mas quer ser mulher*”. Aproveitei para esclarecer que, embora transexuais, travestis e transgêneros sejam termos relacionados a pessoas que se identificam com um gênero diferente do atribuído ao nascer, Pablllo Vittar é uma *drag queen*, que é uma expressão artística que envolve a performance de um gênero, geralmente o feminino, sem necessariamente refletir a identidade de gênero do artista. Assim, fora dos palcos, esses artistas podem se apresentar de maneira diferente.

Ao final desta etapa, apresentei aos alunos a sigla LGBTQIAPN+ e perguntei se conheciam o significado de cada letra. A maioria demonstrou familiaridade com as letras L (lésbica), G (gay), B (bissexual) e T (transgênero, transexual e travesti). As letras A (assexual) e P (pansexual) foram reconhecidas por um número menor, mas ainda significativo. No entanto, as letras Q (*queer*), I (intersexo) e N (não-binário) causaram maior estranhamento, com mais de 90% dos estudantes desconhecendo seus significados.

Conheceram, então, que *"queer"* é um termo abrangente para identidades sexuais e de gêneros considerados não normativos, tudo que foge à heterossexualidade; *"intersexo"* refere-se as pessoas que nascem com características sexuais que não se encaixam nas definições típicas de masculino ou feminino, que pode ser, por exemplo, com relação as genitais ou cromossomos; e *"não-binário"* descreve indivíduos que não se identificam exclusivamente como homem ou mulher. A complexidade desses conceitos gerou surpresa e dificuldade de compreensão entre os alunos, especialmente no caso de *"intersexo"*.

Utilização da plataforma Kahoot como ferramenta de avaliação interativa

O Kahoot é uma plataforma de aprendizado baseada em jogos que permite a criação de *quizzes* interativos e dinâmicos; o uso desta ferramenta de gamificação tem se mostrado eficaz

no ensino, pois promove a participação dos estudantes (Sacramento; Menezes, 2022). Durante a oficina, a plataforma foi utilizada para aplicar um *quiz* composto por nove questões relacionadas à temática LGBTQIAPN+, com o objetivo de avaliar a compreensão dos estudantes sobre os conceitos abordados, conforme perguntas e quantidade acertos demonstrados no Quadro 1.

Quadro 1.

Questões sobre gênero e sexualidade aplicadas na plataforma Kahoot, aplicadas aos 87 estudantes participantes da Oficina.

Nº	Questões	Alternativas e Acertos
1	IDENTIDADE DE GÊNERO diz respeito a como a pessoa se vê, se sente, se como homem ou mulher, por exemplo.	Verdadeiro (80/87) Falso (7/87)
2	Um HOMEM TRANS, ou seja, uma pessoa que nasceu biologicamente mulher, mas se vê/sente como homem, pode engravidar.	Verdadeiro (85/87) Falso (2/87)
3	Pessoa que se expressa e se sente diferente do sexo biológico que nasceu, exemplo o Tammy, filho da cantora Gretchen.	Bigênero (10/87), Transgênero (67/87), Cisgênero (10/87)
4	Na sigla LGBTQIA+ a letra "A" significa:	Agênero (7/87) Antissexual (0/87) Assexual (80/87)
5	Ser HOMOSSEXUAL é um exemplo de:	Orientação sexual (65/87), Identidade de gênero (22/87)
6	A definição de CISGÊNERO é pessoa que se relaciona com outra pessoa do mesmo sexo.	Verdadeiro (57/87) Falso (30/87)
7	Orientação sexual caracterizada pela atração por dois ou mais gêneros, porém não todos.	Heterossexual (0/87) Intersexual (7/87) Polissexual (80/87)
8	O homem que se veste de forma extravagante, geralmente um personagem artístico, como a cantora Gloria Groove é:	Transgênero (12/87) Drag Queen (70/87) Mulher Trans (5/87)
9	O direcionamento do desejo afetivo/sexual, se para homem ou mulher, é uma escolha de cada um, ou seja, é uma OPÇÃO SEXUAL.	Verdadeiro (67/87) Falso (20/87)

fonte: autoria própria, 2024.

A dinâmica do Kahoot permite que eles respondam às perguntas em tempo real, visualizem se acertaram ou erraram e acompanhem a quantidade de acertos por questão. Ao final, a plataforma gera um pódio com os participantes com obtiveram as maiores pontuações, incentivando a competição saudável e o engajamento, os estudantes que apareceram no pódio que foram premiados com barras de chocolate e canetinhas (Figura 2), tanto na participação da plataforma Kahoot, quanto para os que se destacaram na resolução de questões do ENEM, que serão mencionadas mais adiante neste presente relato de experiência.

Figura 2.

Brindes entregues aos que acertaram mais questões do Kahoot e do ENEM.



fonte: autoria própria, 2024.

O resultado do *quiz* indicou um bom nível de compreensão dos estudantes sobre os conceitos abordados durante a Oficina. A maioria das questões apresentou alto índice de acertos, refletindo a eficácia das estratégias pedagógicas empregadas. Essa dinâmica corrobora estudos como o de Silva e Nascimento (2018), que destacam o uso de tecnologias interativas (como *quizzes*) para desconstruir estereótipos de gênero e sexualidade, pois permitem a participação ativa e a revisão imediata de conceitos, reduzindo resistências iniciais. Questões com alto índice de acerto: Questão 2 - a afirmação de que um homem trans pode engravidar foi corretamente identificada como verdadeira por 85 dos 87 estudantes, demonstrando compreensão sobre a distinção entre sexo biológico e identidade de gênero. Questão 4 - a maioria dos estudantes (80/87) reconheceu corretamente que a letra "A" na sigla LGBTQIA+ representa "Assexual", e a Questão 7 - a opção "Polissexual" foi corretamente escolhida por 80 estudantes, indicando familiaridade com a diversidade de orientações sexuais.

Porém tivemos questões com necessidade de reforço, que foram: Questão 6 - a definição de "Cisgênero" foi incorretamente identificada como verdadeira por 57 estudantes, indicando confusão entre identidade de gênero e orientação sexual. Questão 9 - a ideia de que o direcionamento do desejo afetivo/sexual é uma escolha foi erroneamente considerada verdadeira por 67 estudantes, revelando a persistência de concepções equivocadas sobre orientação sexual. Esses achados ecoam estudos como o de Silva e Nascimento (2018), que identificaram dificuldades semelhantes em desconstruir noções binárias e essencialistas de gênero e sexualidade mesmo após intervenções pedagógicas. A experiência deles reforça que tais conceitos exigem abordagens contínuas e multimodais para superar visões arraigadas.

Atividade prática: aplicação e experiência criativa

A prática pedagógica adotada nesta oficina incluiu a aplicação e discussão de quatro questões retiradas de provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), previamente selecionadas por abordarem diretamente temas como diversidade sexual, masculinidades, homofobia e intolerância. A aplicação foi feita de forma impressa, e cada estudante recebeu seu exemplar com as questões. A resolução foi realizada individualmente, seguida de correção coletiva, com discussão aberta sobre o conteúdo e as alternativas, conforme demonstrada no Quadro 2.

Importante lembrar que estas mesmas quatro questões já haviam sido aplicadas semanas antes da oficina, há um mês, como instrumento de verificação diagnóstica, permitindo, assim, uma comparação direta entre o desempenho anterior e posterior à atividade. Tal estratégia, além de mensurar a eficácia da oficina, possibilitou aos estudantes uma apropriação mais sólida dos conceitos abordados.

Quadro 2.

Comparativo de acertos dos estudantes antes e depois da oficina sobre questões do ENEM referentes à temática da Oficina (n = 87).

Nº	Tema Central da Questão ENEM e a alternativa correta	Acertos Antes	Acertos Após
01	Reuniões do GPH (Grupo de Pais de Homossexuais) que discutem as várias formas de incompreensão e intolerância que ainda marcam certas visões sobre a diversidade sexual. Como resposta, tinha que a criação de grupos como este ocorrem devido a necessidade de superar o medo e a discriminação.	63	81
02	Assembleia de clérigos ocorrida em Salvador-Bahia, no ano de 1707 se referia aos homossexuais como “Pecado nefando” (Texto I) e também trazia dados sobre o número crescente de assassinatos de homossexuais no Brasil (Texto II). Como resposta trazia que esta rejeição e menosprezo à orientação sexual do outro se deve a um passado marcado pela demonização do corpo e pela intolerância.	42	75
03	Uma jovem tem seu segredo, ser lésbica, revelado pelo primo na mesa com toda a família durante uma refeição. A situação tensa traz como alternativa correta a que diz que após a revelação prevaleceu o silêncio em nome do equilíbrio familiar.	32	52
04	Discute as várias nuances da masculinidade, exemplificando que homens que fazem aulas de dança são logo associados à feminilidade. A questão traz com resposta que homens que dançam contribuem para o reconhecimento das diferentes masculinidades.	31	45

fonte: autoria própria, 2024.

Os dados evidenciaram um aumento significativo no número de acertos em todas as questões após a Oficina, o que reforça o impacto positivo da atividade na compreensão dos conteúdos por parte dos estudantes. A maior variação foi observada na questão 02, com um salto de 42 para 75 acertos, sugerindo que o debate sobre a história da homofobia e as

violências estruturais gerou grande impacto entre os adolescentes. Também se destaca a questão 01, que apresentou um bom índice inicial de acertos e ainda assim teve avanço expressivo (de 63 para 81), indicando que os alunos já possuíam certa sensibilidade sobre o tema, mas puderam aprimorar sua compreensão.

As questões 03 e 04 foram as que apresentaram menor desempenho, tanto antes quanto após a oficina. Isso pode ser explicado pelo fato de exigirem maior nível de interpretação textual e compreensão de nuances culturais e familiares, o que demanda uma leitura mais crítica e contextualizada. Ainda assim, os avanços registrados (de 32 para 52 e de 31 para 45, respectivamente) demonstram que os conteúdos foram assimilados com maior profundidade após a mediação docente e o espaço de escuta proporcionado pela oficina.

Encerrando as atividades da oficina, os estudantes foram divididos em grupos para a confecção de cartazes com frases sobre a temática “diversidade, respeito e inclusão”. Cada grupo recebeu materiais como cartolinas, pincéis, revistas para recorte, cola e tesoura, e foi incentivado a expressar suas ideias por meio de frases, colagens e desenhos, que posteriormente irão compor a montagem de um painel (Figura 3). A proposta visava estimular a criatividade, o trabalho coletivo e a reflexão crítica sobre os aprendizados construídos ao longo do encontro.

Figura 3.

Confecção do Painel com cartazes elaborados pelos estudantes participantes da Oficina.



fonte: autoria própria, 2024.

A construção dos cartazes foi marcada por momentos de cooperação, risos, debates e surpresas. Muitos estudantes demonstraram entusiasmo em aplicar conceitos aprendidos nas representações visuais. A atividade foi finalizada com a exposição dos cartazes nos corredores

da escola, tornando-os visíveis às demais turmas de 1ª e 2ª séries e, assim, estendendo o impacto da oficina para além do grupo participante direto.

Fortalecendo saberes e afetos: encerramento da oficina com orientações e encorajamento

Consciente de que muitos adolescentes, que já se percebem LGBTQIAPN+, enfrentam desafios relacionados à aceitação familiar, encerramos a Oficina compartilhando algumas estratégias para lidar com possíveis adversidades. Sugerindo iniciar diálogos com membros da família mais receptivos ao tema, evitar confrontos diretos em ambientes hostis e priorizar os estudos e a independência financeira como meio de autonomia. Enfatizando que a felicidade e o bem-estar pessoal devem ser prioridades, independentemente da aceitação externa.

Abordamos também o enfrentamento do *bullying* escolar, orientando os estudantes a dialogar com os agressores, expressando a insatisfação e solicitando que as agressões cessem; buscar apoio da gestão escolar e coordenação pedagógica e, em casos persistentes, recorrer a canais de denúncia como o Disque 100 (Brasil, 2023). Destacamos que a homofobia e a LGBTfobia são crimes e que é fundamental buscar apoio e justiça. Para situações de sofrimento emocional, informamos sobre o serviço do Centro de Valorização da Vida (CVV), disponível pelo número 188.

Este momento final da oficina foi marcado por uma abordagem sensível e empática, reconhecendo as realidades vividas pelos estudantes e oferecendo ferramentas práticas para enfrentar desafios. Acreditamos que a educação sexual deve ir além da transmissão de informações, promovendo o acolhimento, o respeito e a valorização da diversidade, conforme defendido por estudiosos da área.

Ao concluir a oficina, reforçamos o compromisso com uma educação inclusiva e transformadora, que reconhece e celebra as múltiplas identidades e expressões de gênero e sexualidade. Acreditamos que, ao proporcionar espaços seguros e informativos, contribuímos para o desenvolvimento de indivíduos mais conscientes, respeitosos e empáticos.

Considerações Finais

A realização da oficina “Gênero e Sexualidade: no ENEM e na vida” revelou-se uma experiência pedagógica potente, sensível e necessária no contexto escolar. Mais do que um evento pontual, a oficina materializou-se como prática de resistência, acolhimento e formação cidadã, rompendo com silêncios históricos e desafiando o conservadorismo que ainda permeia a abordagem da diversidade sexual e de gênero nas escolas públicas brasileiras.

Ao longo das atividades desenvolvidas, que integraram exposições dialogadas, vídeos, discussões coletivas, *quiz* interativo, resolução de questões do ENEM e atividades criativas (confeção de cartazes), foi possível observar um movimento real de escuta, aprendizado e ressignificação por parte dos estudantes. A análise comparativa das questões aplicadas antes e

depois da oficina evidenciou avanços concretos na compreensão dos conteúdos trabalhados, demonstrando que metodologias participativas, afetivas e engajadas são capazes de gerar transformação no cotidiano escolar.

Mais do que transmitir informações, esta oficina visou tocar dimensões subjetivas, afetivas e éticas, que muitas vezes permanecem à margem nos processos de ensino-aprendizagem. O reconhecimento da sexualidade como dimensão constitutiva do ser humano, o respeito às identidades dissidentes e o enfrentamento da LGBTfobia foram tratados com seriedade, sensibilidade e compromisso político.

Enquanto educadores gays, elaborar, propor e executar esta Oficina foi também um gesto de reparação e de realização pessoal de ambos os autores. Em um espaço onde tantas vezes foram silenciados ou invisibilizados, puderam afirmar a potência da diversidade, construir pontes com os estudantes e abrir frestas para um futuro mais justo, plural e acolhedor. Esta vivência reafirma que a escola não deve apenas tolerar a diferença, mas celebrá-la e protegê-la.

É urgente que a educação pública brasileira assuma seu papel no enfrentamento das desigualdades e das violências que atingem a população LGBTQIAPN+, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidades sociais, como é o caso da maioria dos estudantes da rede estadual. A escola precisa se tornar território de escuta, de cuidado e de afirmação das múltiplas formas de ser e existir.

Dessa forma, este relato de experiência não se encerra em si mesmo. Ele é, ao mesmo tempo, memória de um gesto pedagógico e convite para que outras ações como esta se multipliquem, ganhem força e ocupem os espaços escolares com diálogo, empatia e compromisso com os direitos humanos. Que possamos continuar quebrando silêncios, educando para a diversidade e construindo, junto aos nossos estudantes, um mundo mais justo, livre e amoroso para todas as existências.

REFERÊNCIAS

- Alves, R. (2001). *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papyrus.
- Barbosa, L. U. & Folmer, V. (2019). Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. *REVASF*, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 221–243. <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>
- Bento, B. (2001). Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 548-559. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>
- Brasil. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal.
- Brasil. (2023). Disque 100 – Disque Direitos Humanos. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/disque100>

- Brasil. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27833.
- Brasil. (2012). Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, n. 22, p. 12–14. <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes/resolucoes-ceb-2012>
- Brasil. (2018) Ministério dos Direitos Humanos. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2018. Brasília, DF: MDH.
- Brasil. (2019) Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26 e Mandado de Injunção (MI) 4733. Decisão que equipara a homofobia e a transfobia ao crime de racismo. Brasília, DF: STF. <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>
- Brasil. (2024) Supremo Tribunal Federal (STF). Decisão sobre a obrigação das escolas públicas e privadas de combater discriminações por gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Relator: Ministro Edson Fachin. Julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5668. https://noticias-stf-wp-prd.s3.sa-east-1.amazonaws.com/wp-content/uploads/wpallimport/uploads/2024/10/23094554/ADI-5668.-Discriminacao-de-genero-nas-escolas-Rev.-FSP_liberado2.pdf
- CVV – CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. (2024). Como funciona o CVV. Disponível em: <https://www.cvv.org.br>. Acesso em: 15 mai.2024.
- Graupe, M. E. & Lins, C. T. W. (2018). Gênero e diversidade sexual: homofobia no contexto escolar. *Educação (UFSM)*, Santa Maria, v. 43, n. 1, p. 1-20. <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/27530>
- Kahoot!. (2024). Plataforma de aprendizado baseada em jogos. <https://kahoot.com>
- Luckesi, C. C. (2014). Ludicidade e educação. 3. ed. São Paulo: Cortez.
- Monteiro, S. A. de S. & Ribeiro, P. R. M. (2018). Linguagem, comunicação e educação sexual integradas aos direitos humanos e à cidadania na escola. *REVASF*, v. 8, n. 17. <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/297>
- Nascimento, A. de S., Monteiro, T. N. da S. & Silva, V. M. (2024). Oficinas pedagógicas como estratégia de ensino e aprendizagem. *Anais do Congresso Nacional de Educação – CONEDU*, Campina Grande, v. 11. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/114042>
- Nascimento, F. L. S. & Nascimento, A. G. (2020). Gênero, Sexualidade e Educação Sexual: apontamentos sobre um campo epistemológico em ascensão. *História Revista*, v. 25, n. 2, p. 267–290. <https://doi.org/10.5216/hr.v25i2.64162>
- Nascimento, R. B. do; Amorim, M. M. T. & Silva, E. C. R. da. (2020). O uso de oficina pedagógica na mediação de conflitos causados por estereótipos de gênero e sexualidade na escola: reflexões a partir de um relato de experiência. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 15, n. 2, p. 1–19. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-89082020000200007
- Oliveira Júnior, I. B. & Maio, E. R. (2019). Não veja, ouça ou fale: zarus presentes nos discursos docentes sobre diversidade sexual e homofobia. *Revista da Faculdade de Educação (PUCRS)*, v. 41, n. 1, p. 215-230. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.1.29906>

- ONU. Organização das Nações Unidas. (2024). Princípios de Yogyakarta: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Genebra: ONU. https://yogyakartaprinciples.org/wp-content/uploads/2017/11/A5_yogyakartaWEB-2.pdf
- ONU Brasil. (2015). ONU pela diversidade LGBT e luta contra homofobia. <https://www.youtube.com/watch?v=8qsSlomXuzE>
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (1990). Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10. Genebra.
- Paviani, J. L. (2024). A oficina pedagógica como forma de construção do conhecimento. *Revista Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v. 15, n. 2, p. 225–236. <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/16>
- Sacramento, I. S. & Menezes, M. C. F. (2022). As contribuições do Kahoot no ensino remoto de Ciências da Natureza. *Diversitas Journal*, v. 7, n. 4. <https://doi.org/10.48017/dj.v7i4.2205>
- Silva, E. C. R. & Nascimento, R. B. (2018). Desconstruindo estereótipos de gênero e sexualidade na escola básica: um relato de experiência. In: I Congresso Internacional de Educação: Diversidade, Formação e Saberes Docentes, 2018, Campinas: Galoá.
- Vieira, A. C. & Lage, R. de C. (2017). Educação e diversidade sexual: desafios para a formação docente. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, v. 39, n. 73, p. 1–20.